

Associação Nacional de História – ANPUH

XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

Por entre as páginas do imperialismo germânico na América Latina: a Revista Médica de Hamburgo e a Revista Médica Germano-Ibero-Americana (1920-1933)

Magali Romero Sá e André Felipe Cândido da Silva¹

RESUMO: O presente trabalho trata da trajetória da Revista Médica de Hamburgo e Revista Médica Germano-Ibero-Americana, órgãos criados para promover e difundir a ciência alemã entre a comunidade médica da América Latina no contexto do entre-guerras, marcado pela perda das colônias na África, pelas dificuldades enfrentadas pela economia germânica e a tentativa de recuperar o prestígio cultural e científico alemães, abalado pelas condições impostas pelo armistício.

Palavras-chave: ciência alemã, imperialismo germânico, América Latina.

ABSTRACT: The present work concerns the trajectory of the *Revista Médica de Hamburgo* and *Revista Médica Germano-Ibero-Americana*, magazines created to foster and to diffuse German science among the medic community of Latin America in between World Wars, context characterized by the loss of Germany's African colonies, difficulties faced by the Germany's post-war economy and the attempt to restore the cultural and scientific German prestige because of the conditions imposed by the armistice.

Keywords: German science, German imperialism, Latin America.

Em 1920, foi criada por Ludolph Brauer e Bernhard Nocht – respectivamente diretor do Hospital Eppendorf e do Instituto de Medicina Tropical, ambos em Hamburgo - a Revista Médica de Hamburgo. O objetivo da publicação era divulgar as comunidades médicas da Espanha e América Latina as pesquisas científicas realizadas na Alemanha, especialmente os avanços na indústria farmacêutica e técnicas terapêuticas. De periodicidade mensal, a *Revista Médica de Hamburgo* circulou regularmente até outubro de 1928, após o qual, fundiu-se com a revista *La Medicina Germano-Hispano-Americana*, dando origem à *Revista Médica Germano-Ibero-Americana*, que perdurou até 1938.

Diretor do Hospital Geral de Hamburgo Eppendorf, Ludolph Brauer (1865-1951) teve papel importante na implantação da medicina da aviação alemã e no seu desenvolvimento após a Primeira Guerra, além de ter se notabilizado por suas pesquisas sobre a tuberculose. O lançamento da *Revista Médica de Hamburgo* (RMH) foi a concretização do projeto iniciado por ele, em 1914, de integração da ciência médica da Espanha e países de

¹ Pesquisadora da Casa de Oswaldo Cruz/ FIOCRUZ e doutorando do Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz/ Fiocruz.

língua hispânica àquela desenvolvida na Alemanha. Após publicar um único número, em julho de 1914, Brauer teve de interromper o projeto devido à irrupção da Primeira Guerra. Retomado em 1920, sua empreitada ganhou novo alento devido ao apoio manifestado pela Espanha no Tratado de Versalhes através do manifesto de 28 de maio de 1919. Nele, cinquenta personalidades espanholas, entre médicos e farmacêuticos, expressaram o desejo de se restabelecer as relações científicas internacionais sem exceção de qualquer país. Isto porque, o Conselho Internacional de Pesquisas estabelecido em Bruxelas em 1919 havia alijado a Alemanha do cenário científico mundial, tornando proibidos o alemão como idioma científico e a participação alemã nos congressos internacionais (RMH, ano 1, n. 2, p. 28).

O manifesto dos espanhóis foi recebido com entusiasmo no meio médico alemão, descontente, assim como praticamente toda a sociedade germânica, com as condições ultrajantes que lhes foram impostas pelo armistício. Isso impulsionou o abortado projeto de Brauer, sendo a Revista inaugurada em 1920 com formato ampliado e número aumentado de colaboradores (RMH, ano 1, n. 1, p. 1).

Assim como Brauer, Nocht viu na *RMH* uma possibilidade concreta de estreitar relações com os médicos da Espanha e América Latina, de modo a promover a ciência alemã e recuperar seu prestígio abalado com a Primeira Guerra. Através da *Revista*, Nocht esperava contornar as diversas dificuldades pelas quais passava a instituição que praticamente fundara: o Instituto de Doenças Marítimas e Tropicais de Hamburgo (*Institut für Schiffs-und Tropenkrankheiten*).

As origens do Instituto de Medicina Tropical de Hamburgo (IMTH) remontam à aterradora epidemia de cólera que grassou em Hamburgo no verão de 1882, na qual as deficiências do aparato sanitário da cidade foram postas a nu (Fleischer, 2000). Devido aos conhecimentos em doenças tropicais adquiridos quando esteve na Ásia, Nocht foi nomeado, em 1893, chefe do Serviço Médico do Porto de Hamburgo, de onde se apercebeu da necessidade de um centro de ensino, pesquisa e tratamento de doenças tropicais, que adentravam com frequência o porto hanseático. O Departamento Colonial alemão (que administrava as colônias alemãs adquiridas desde 1884) manifestou interesse pelo estabelecimento de tal instituição e em 1900, foi fundado o Instituto de Medicina Tropical de Hamburgo (IMTH), terceiro centro de estudos em doenças tropicais, precedido da *London* e *Liverpool Schools of Tropical Medicine* (Wulf, 1994). Nocht foi nomeado diretor da instituição recém-fundada, cargo que ocupou até 1930, sendo o criador da Sociedade Alemã de Medicina Tropical, fundada em 1907.

Após ter se consolidado como importante centro de pesquisas em medicina tropical, o IMTH passou por uma grande crise advinda com a Guerra e as dificuldades financeiras decorrentes não só da destruição material, como das condições impostas pelo Tratado de Versalhes; tudo isso aliado ao já mencionado boicote internacional à ciência alemã (Eckart, 1997; Wulf, 1994). Junto aos problemas financeiros, o IMTH passou por uma crise de legitimidade, pois a perda das colônias pela Alemanha fez com que sua necessidade fosse questionada.

Nocht acreditava ser a medicina um dos meios mais efetivos de promover a ciência e cultura alemãs. Vários quadros do IMTH foram enviados a países da América Central e do Sul para estabelecer contatos e orientar campanhas contra doenças infecciosas, especialmente aquelas mais freqüentes nas regiões tropicais. A América Latina oferecia condições propícias para os estudos em medicina tropical por comportar doenças endêmicas similares àquelas encontradas na África, devido tanto à introdução de moléstias através do tráfico de escravos quanto pelo fato de estar situada nas mesmas latitudes dos países africanos, o que conferia às nações latino-americanas similaridade em termos de condições ecológicas e climatológicas (Eckart, 1997). Com seus interiores inexplorados em termos de incidência de doenças, os países da América Latina representavam um prolífico campo de estudos em potencial, aliado ao fato de que seus meios acadêmico e intelectual nutriam grande admiração pela organização do ensino e ciência germânicos nas diversas áreas do conhecimento.

Logo, a criação da RMH foi parte desse movimento mais amplo de aproximação dos alemães com a Espanha e América Latina, em que a medicina atrelou-se estreitamente às esferas da política e economia, afirmando-se como ferramenta de propaganda cultural. Nesse aspecto, a análise da *Revista* como órgão de promoção das relações internacionais complexifica este campo de estudos na medida em que aponta para uma teia de intercâmbio que passa ao largo dos mecanismos estritamente políticos, isto é, agenciados pelo Estado, mas envolve uma trama complexa de atores e instituições, cujas articulações foram responsáveis pela configuração dessa rede da qual a *Revista* foi a expressão mais manifesta.

A captação de recursos materiais e simbólicos para publicação da RMH envolveu a movimentação de Brauer e Nocht para ganhar a adesão não só das autoridades alemãs, como também de personalidades do *establishment* científico. O movimento obteve certo sucesso, já que no primeiro número os diretores elencaram as instituições e personalidades que apoiavam a empreitada: o Instituto de Terapêutica Experimental (*Georg Speyer-Haus*), fundado por Paul Ehrlich, de Frankfurt; o Instituto Robert Koch, de Berlim; o

Instituto de Terapêutica Experimental de Dahlem, além dos diretores dos principais periódicos médicos alemães.²

Em relação aos recursos materiais, Brauer e Nocht contaram com o apoio da Câmara de Comércio de Hamburgo. As Casas Comissárias do ativo porto de Hamburgo foi quem forneceu na maioria das vezes os recursos necessários para as despesas provindas desse movimento de propaganda cultural junto à Espanha e América Latina, que envolvia, além da Revista Médica de Hamburgo, as diversas missões científicas alemãs no ultramar.³

Um ano após a criação da Revista, o IMTH criou a Sociedade dos Amigos do IMTH, como meio de compensar as dificuldades financeiras advindas com as cláusulas impostas em Versalhes. Esperava-se, assim, levantar fundos para a realização de pesquisas, bem como o financiamento de publicações em línguas estrangeiras e o custeio de despesas de viagens e conferências realizadas como de promoção da ciência alemã na Espanha e América Latina. Subjacente a isso, havia a crença de que o estudo e combate das doenças representavam o melhor meio de realizar a propaganda alemã, além de ser importante veículo de penetração da indústria e comércio germânicos.

Além do Instituto de Medicina Tropical de Hamburgo e do Hospital Eppendorf, a Universidade de Hamburgo foi outra instituição que deu apoio à empreitada de Brauer e Nocht, reunindo diversos colaboradores da *Revista*. Fundada em 1919⁴ pelo Parlamento de Hamburgo, constituído logo após a Primeira Guerra, a Universidade de Hamburgo gozou de bastante prestígio durante a República de Weimar, já que reuniu autoridades em diversos campos do conhecimento.⁵ Criada na mesma época que as universidades de Frankfurt e Colônia e ao contrário das universidades alemãs mais tradicionais, a Universidade de Hamburgo caracterizou-se pela preocupação com questões científicas mais práticas, especialmente aquelas ligadas ao comércio internacional, exploração

² *Deutsche Medizinische Wochenschrift, Münchener Medizinische Wochenschrift, Berliner Klinische Wochenschrift, Medizinische Klinik e Zeitschrift für Ärztliche Fortbildung.*

³ Na edição de abril de 1923, a seção de Notícias assinala que Roderich Schlubach, um dos chefes da casa Schlubach, Thiemer & Co. recebeu o título de “Doctor Honoris Causa” da Universidade de Hamburgo, devido a “seus eminentes méritos em prol da ciência e mui especialmente, da medicina alemã.” Schlubach, cuja casa comissária era “muito conhecida nas Américas Central e do Sul”, havia promovido as viagens de Fülleborn, do Instituto de Medicina Tropical de Hamburgo, à América Central, Colômbia e Venezuela.

⁴ As origens da Universidade de Hamburgo remontam ao século XVII, quando a cidade abrigou uma instituição de ensino superior de nível intermediário (entre faculdade e universidade, a chamada *Akademisches Gymnasium*), junto com diversas instituições científicas isoladas (Jardim Botânico, Observatório, Laboratórios Estatais de Física e Química, Instituto Zoológico do Estado, etc.). O Instituto Colonial criado em 1907 também contou com cátedras professorais, sendo que a demanda por um centro de ensino superior levou a que se fundasse a universidade, com a fusão das diversas instituições científicas existentes.

⁵ A título de exemplo, vale citar Ernst Cassirer, na filosofia; Erwin Panofsky, na História da Arte; Otto Stern, na Físico-Química e William Stern na psicologia.

tropical e empreendimentos coloniais (Ringer, 2000). A Faculdade de Medicina da Universidade foi composta em grande parte pelos quadros provindos das duas principais instituições de pesquisa médica de Hamburgo: o IMTH e o Hospital Eppendorf. Nocht e Brauer compuseram seu corpo docente, sendo que ambos foram decanos da faculdade; Nocht chegou a ser reitor em 1926 (Fleischer, 2000).⁶

Procurou-se reforçar o caráter cooperativista da RMH através da presença de médicos da América Latina no seu corpo de colaboradores e na equipe editorial, embora a maioria alemã seja flagrante em toda sua trajetória. Os latino-americanos pertencentes ao corpo editorial foram, em sua maioria, indivíduos que, além de contar com legitimidade frente à classe médica local, haviam se formado ou se especializado em instituições alemãs, o que os tornara importantes porta-vozes locais das concepções e interesses germânicos. Havia também alemães que estavam à frente de instituições na América Latina e que atuaram diretamente em prol dos interesses de seu país de origem.

A filiação à ciência germânica extrapolou o campo médico e científico: o respeito e admiração de intelectuais latino-americanos pela cultura alemã estão relacionados ao fato de que a Alemanha alcançou sucesso estabelecer um sistema institucionalizado de atividade científica, em que aliou a tradição da pesquisa ao ensino. No século XIX, o sistema de organização das universidades e centros de pesquisas alemãs atuou como modelo que balizou a institucionalização das ciências em vários países. (Ben David, 1979). No âmbito da medicina, a Alemanha não só teve resultados positivos na luta contra doenças infecciosas aterradoras, como concebeu o modelo de estudo clínico-universitário integrado, no qual se associaram a investigação experimental, o tratamento clínico e docência universitária, lançando as bases da formação médica contemporânea (Reggiani, 2003).

A partir do segundo ano da revista (1921), o grupo de redatores passou a incluir J.M. Rosell – de Barcelona, especialista em patologia digestiva e da nutrição – e Susviela Guarch, de Montevideu. Em 1926 foi a vez do médico argentino Mariano Barilari compor a equipe de redação. Graduado em Heidelberg em 1915, Barilari foi cirurgião do Hospital Rawson e diretor da revista de divulgação médica “Viva Cem anos”. Susviela Guarch (1851-1928) foi um importante personagem no estabelecimento das relações entre Uruguai e a Alemanha. Além de patologista (foi um dos discípulos de Rudolph Virchow), atuou como ministro das relações exteriores em Berlim, onde transitou com fluência entre os

⁶ Além de Nocht como diretor da Revista, o IMTH esteve representado no corpo editorial por Peter Mühlens, nomeado redator-chefe. Juntamente com Mühlens, compuseram o corpo de redatores o dr. F. Rabe, médico-assistente da Seção de Investigação Científica do Hospital Eppendorf e Máximo Asenjo, ex-professor de Anatomia Patológica da Universidade de San Salvador

meios político e científico germânicos. Graças às boas relações mantidas com médicos na América Latina, Guarch fundou, em 1923, o Centro Médico Hispano-Americano.

O conteúdo da RMH foi veiculado principalmente em espanhol, com alguns pouquíssimos artigos em português. Além de artigos originais, a *Revista* incluiu resenhas feitas pelos editores e colaboradores de artigos publicados nos principais periódicos alemães e, a partir do ano 4 (1923), resumos dos manuais científicos publicados, especialmente os alemães.

Os editoriais deram ênfase ao caráter amistoso e simétrico de cooperação intelectual assumido pela *Revista* e escamoteava-se o desequilíbrio de poder imanente a esta relação, reafirmando a excelência da ciência e cultura germânicas. A ideologia da neutralidade e universalidade da ciência, pairando acima dos interesses políticos foi o “verniz” desse discurso que buscou enfatizar o caráter humanitário da prática médica.

A análise do corpo de colaboradores da *Revista* no decorrer de sua trajetória permite entrever a gradativa ampliação de seu escopo. Países como Argentina, Peru, Colômbia, Bolívia, Chile, Venezuela, Paraguai, Uruguai, Brasil, México, Costa Rica e Cuba estão ali representados. A maior penetração da *Revista* nos países latino-americanos convergiu com o aumento da participação alemã no cenário científico internacional. Preterida no imediato pós-guerra, logo a Alemanha recuperou terreno junto aos fóruns científicos: a partir da metade dos anos 1920, os médicos alemães voltaram a participar dos congressos internacionais; em 1927, Nocht foi nomeado vice-presidente do Comitê de Higiene da Liga das Nações.

A participação brasileira na *Revista* foi intermediada pela presença do médico Henrique da Rocha Lima (1879-1956) no corpo editorial, a partir de 1922. Embora fosse brasileiro, o nome de Rocha Lima vinha associado ao Instituto de Medicina Tropical de Hamburgo, da qual fazia parte desde 1911 (Falcão, 1967).⁷ O nome de Rocha Lima entre os redatores impulsionou a participação de cientistas brasileiros no corpo editorial da *Revista*,

⁷ Henrique da Rocha Lima foi um dos primeiros integrantes do Instituto de Manguinhos. Formado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1901, fez sua especialização na Alemanha em microbiologia e anatomia patológica. Passou a fazer parte do Instituto de Medicina Tropical de Hamburgo em 1910, após ter sido diretor do Instituto de Anatomia Patológica da Universidade de Jena. Permaneceu em Hamburgo até 1928, após o qual voltou ao Brasil, passando a fazer parte do Instituto Biológico de São Paulo, criado um ano antes. Em 1933 foi nomeado diretor geral daquela instituição, cargo que ocupou até 1949, quando se aposentou. Suas contribuições científicas incluem a determinação das lesões histopatológicas da febre amarela, a elucidação da etiologia do tifo exantemático, a demonstração da origem fúngica da histoplasmose e a definição de questões relativas à verruga peruana (Falcão, 1967).

como Henrique Aragão (1879-1956), Arthur Moses (1967), e Adolpho Lindenberg (1872-1944).⁸

O conteúdo da *Revista* dividia-se em: trabalhos originais, revista de revistas e progressos médicos, onde eram resenhados os artigos saídos nos grandes periódicos médicos alemães; notícias terapêuticas e técnicas; livros, com comentários sobre os manuais lançados por médicos alemães e latino-americanos e notícias. Os artigos relacionavam-se às várias especialidades médicas, sendo agrupados em seções temáticas que na primeira edição totalizavam sete: Patologia, Fisiologia e Farmacologia; Medicina Interna, Enfermidades Infeciosas, Enfermidades Infantis e Terapêutica Geral; Cirurgia; Ginecologia e Obstetrícia; Neurologia e Psiquiatria; Doenças tropicais e sub-tropicais; Dermatologia e Venereologia; Oftalmologia; Bacteriologia, Higiene e Medicina social e Röntgenologia e Radioterapia. Durante a trajetória da *Revista* essas seções foram ampliadas, com o acréscimo de algumas e supressão de outras, mas no geral obedeceu a esse perfil.

A seção de Farmacologia foi uma das que ganhou destaque no decorrer das edições, passando a compor seção própria (antes compunha a seção Farmacologia, Patologia e Fisiologia). Grande importância foi dada à divulgação de novos terapêuticos desenvolvidos pela indústria farmacêutica alemã, feita por meio da publicação de experimentos com os novos produtos, que atestavam o potencial de ação dos fármacos. O Bayer 205, por exemplo, recebeu atenção cuidadosa de vários pesquisadores que testaram sua eficácia contra tripanossomíases animal e humana, principalmente doença do sono e doença de Chagas. Outros estudos apontaram para a importância do Yatren, desenvolvido pela Behring-Werke, no tratamento da disenteria amebiana; dos derivados do Salvarsan, utilizados na terapia da sífilis e dos antimaláricos sintéticos. Percebe-se que as grandes corporações farmacêuticas não só apoiaram como também impulsionaram esse esforço de aproximação com a América Latina, visto como um meio de criar novas demandas e, assim, ampliar seus mercados.

Do ponto de vista ideológico, a RMH comprometeu-se em difundir o germanismo, presente, por exemplo, nas edições especiais dedicadas a figuras consideradas exponenciais da ciência germânica e dos seus centros de pesquisa⁹. A *Revista* mantinha informes dos cursos oferecidos, congressos, criação de novas sociedades e instituições científicas, bem como as missões científicas alemãs direcionadas à América Latina. Grandes

⁸ Henrique Aragão e Arthur Moses foram colegas de Rocha Lima no Instituto de Manguinhos e sócios no Instituto Brasileiro de Microbiologia. Adolpho Lindenberg foi professor da Faculdade de Medicina de São Paulo e um dos principais nomes da dermatologia no Brasil.

⁹ Em maio de 1921 foi homenageado Paul Ehrlich, erigido a fundador da moderna quimioterapia e em novembro de 1921 foi a vez do patologista Rudolph Virchow. Instituições latino-americanas também receberam homenagens nas páginas da *Revista*, que se preocupou em reforçar seu caráter cooperativo.

esforços foram envidados na tentativa de cooptar estudantes latino-americanos que se interessassem em fazer suas especializações em instituições germânicas, principalmente no IMTH.

A fusão da RMH com *La Medicina Germano-Hispano-Americana* dando origem à *Revista Médica Germano-Ibero-Americana* (RMGIA) trouxe modificações ao perfil até então assumido pela primeira. Ampliou-se o número de diretores¹⁰, ao passo que o número de colaboradores reduziu-se bastante. A RMGIA foi mais ostensiva na difusão da ciência germânica em relação à RMH. Gradativamente, o número de artigos escritos por latino-americanos caiu, cedendo lugar à esmagadora maioria de autores germânicos.

Com a ascensão do Terceiro Reich, em 1933, a política externa alemã passou por modificações em suas estratégias e objetivos. Como órgão de propaganda cultural e política, a RMGIA enquadrou-se nesse novo quadro da política externa alemã, procurando corresponder aos anseios do governo nacional-socialista. A RMGIA atendeu aos objetivos de divulgar os avanços na clínica e terapêutica, bem como notificou com ênfase o movimento dos médicos latino-americanos rumo à Alemanha. A estratégia de cooptação encetada pelo governo de Hitler e intermediada pelo general Faupel (que criou em 1935 a Associação Médica Germano-Ibero-Americana) foi muito mais agressiva e programática do que anteriormente. Bosemberg (s/d) assinala, porém, que em termos gerais a política exterior do Terceiro Reich foi herdeira da República Weimar, na persecução dos interesses tradicionais do Estado: busca de aliados, patrocínio do intercâmbio de mercados, apoio de empresas, difusão cultural, etc. Resta dizer que a RMGIA circulou até 1938, às vésperas da Segunda Guerra Mundial, após a qual houve investimento massivo dos EUA em garantir sua influência na América Latina, o que limitou drasticamente o espaço de ação da Alemanha, mais uma vez destruída.

Bibliografia:

BEM-DAVID, J. *O papel do cientista na sociedade*. São Paulo: Pioneira, 1979.

BOSENBERG, L. E. *Alemania y Colômbia, 1933-1939*. In *Revista Iberoamericana*. Disponível em: <http://www.iberamericana.de/articulos-pdf/21-bosemberg.pdf>.

¹⁰ Além de Brauer e Nocht, que permanecem até seu fim, incluiu-se Peter Mühlens, J. Schwalbe (de Berlim) e os médicos F. C. Arrillaga e C. P. Waldorp, ambos de Buenos Aires

ECKART, W. U. *Medizin und Kolonialimperialismus: Deutschland 1884-1945*. Paderborn, 1997.

FALCÃO, E. C. A vida científica de Henrique da Rocha Lima. *In Revista Brasileira de Malariologia e Doenças Tropicais*, São Paulo, 19 (2), p. 353-358, 1967.

FLEISCHER, B. The Bernhard Nocht Institute: 100 Years of Tropical Medicine in Hamburg. *In Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*, v. 95, Suppl. 1, pp. 17-23, 2000.

MANNWEILER, E. *Geschichte des Instituts für Schiffs- und Tropenkrankheiten in Hamburg, 1900-1945*. Keltern- Weiler: Goecke und Evers, 1998.

KINGER, F. K. *O declínio dos mandarins alemães: a comunidade acadêmica alemã (1890-1933)*. São Paulo: EdUSP, 2000.

REGGIANI, A. H. Medicina y kulturpolitik en la era del nacionalismo: la Academia Medica Germano-Ibero-Americana (1936-1939). *In Carreras. S. (Org.). Der Nationalsozialismus und Lateinamerika. Revista Ibero On-line*, v. 3, n. 1, 2003, pp. 57-74.

WULF, S. *Das Hamburger Tropeninstitut 1919 bis 1945: auswärtige Kulturpolitik und Kolonialrevisionismus nach Versailles*. Berlin; Hamburg: Reimer, 1994.